

Entrevista

Paulo de Tarso Almeida Paiva.

Economista e especialista em Gestão Empresarial.

“Desconfiança é maior que a crise”

MAURÍCIO MARTINS
DA REDAÇÃO

A crise brasileira é grave, mas é mais política do que econômica, frisa o professor Paulo de Tarso Almeida Paiva, de 75 anos, da Fundação Dom Cabral. Para ele, que entre 1995 e 1998 foi ministro do Trabalho e do Planejamento e Orçamento na gestão do então presidente Fernando Henrique Cardoso, a economia é feita de ciclos e em breve voltará a crescer. Paiva acredita que o pessimismo e a desconfiança podem prejudicar os empresários brasileiros e que a hora é de seguir firme na condução das empresas, buscando soluções sustentáveis. Ele critica o excesso de burocracia e de impostos no Brasil e acha que a legislação trabalhista deveria ser mais flexível. O ex-ministro é formado em Economia e Demografia e foi vice-presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), nos Estados Unidos. Paiva esteve, na semana passada, na Associação Comercial de Santos (ACS), onde ministrou palestra aos empresários. No local, concedeu entrevista para A Tribuna.

“Não é a pior crise que já tivemos no Brasil. A perda de confiança é muito maior que os fatos objetivos da economia”

Empréstimo com garantia de imóvel. • até 1 milhão
Tel.: 13.3226.2880
www.familiapaulista.com.br

Qual é o atual cenário econômico para os empresários?

Estamos em uma situação que não vivemos no passado recente, que é uma economia praticamente parada, que piorou muito a partir de julho. A expectativa deste ano é uma retração de cerca de 3,5% e no ano que vem mais 1,5%. É uma situação que leva ao aumento do desemprego, à crise social e causa uma instabilidade nas empresas. Mas a economia cresce em ciclos e em algum momento vai retomar o seu crescimento.

É possível fazer uma projeção de quando a situação vai melhorar?

Não se pode precisar quando a economia retomará o crescimento, mas creio que é razoável imaginar que, de uma maneira sustentável, dificilmente ocorrerá antes de 2018. E esse crescimento não será como 2004 e 2011, quando crescemos em média 4,5%. Vamos crescer, 2,5%, 2,7%, que é a taxa histórica do Brasil a partir dos anos 80.

Qual é a condição de competitividade das empresas brasileiras?

É difícil falar de empresas de uma maneira geral. Temos algumas, como a Embraer, que são muito competitivas no mercado internacional. Temos o setor produtor de commodities agrícolas, como soja e milho, com uma produtividade comparável aos países desenvolvidos. Mas do ponto de vista da competitividade da economia brasileira, estamos muito mal. Este ano, o Brasil caiu 18 posições no ranking do Fórum Econômico Mundial, que calcula o índice de competitividade dos países. Nós temos uma alta burocracia, uma alta carga tributária, corrupção no governo, uma legislação trabalhista muito ineficiente, insuficiência de infraestrutura e baixa

produtividade pelo baixo nível educacional. Esse conjunto de fatores coloca o Brasil em posição muito ruim e isso é basicamente do lado do setor público, não do privado.

Por qual motivo o senhor acha que a nossa legislação trabalhista é ineficiente?

A legislação trabalhista no Brasil foi concebida nos anos 40, quando o País tinha basicamente mão de obra agrícola. Tanto que Santos era um Porto exportador de café. Era uma forma de proteção do trabalhador para que ele pudesse se incorporar ao mercado de trabalho urbano. E a legislação segue refletindo a mesma coisa. Mas hoje temos tecnologias modernas, flexibilidade para trabalhar. A pessoa pode até trabalhar na casa dela, no computador. A norma de ficar oito horas no escritório não faz muito sentido, é a produção que importa. E não estou falando de direitos, mas de formas de trabalho. São questões que mereciam uma discussão melhor, com contratos coletivos adaptados aos diversos setores.

É verdade que há sempre um lado bom na crise? Pode ser um momento de descobrir novos caminhos?

É verdade, mas não necessariamente para todo mundo. Isso tem sido utilizado mais como fator motivador para as pessoas. A economia brasileira gera R\$ 5,5 trilhões. Nesse montante, algumas empresas quebram, mas outras acham oportu-



ALBERTO MARQUES

tunidades. É a sétima maior economia do mundo.

O senhor percebe um pessimismo exagerado nos empresários?

Essa pergunta faz muito sentido. Falando da economia, e não da política, a desconfiança é muito maior do que a crise. Não é a pior crise que já tivemos no Brasil. Já tivemos uma hiperinflação, os preços mudavam três vezes por dia nos supermercados. Também tivemos uma crise cambial, o Brasil não tinha reservas para atender as demandas em moeda estrangeira. Hoje não temos nada disso. Há um certo pessimismo que aumentou muito em julho, a perda de confiança é muito maior do que os fatos objetivos da economia. Isso acontece pelo quadro político.

Qual é a lição de casa para que as empresas superem esse momento de instabilidade?

Eu não posso deixar as ondas dirigirem meu barco. Eu tenho de pegar o remo e conduzir, embora as águas estejam turbulentas e o mar revoltoso. Levar o barco com segurança, sabendo que rumo tomar.

Como o senhor analisa a qualidade da mão de obra brasileira, em todos os setores?

Falta qualificação, o nível educacional no Brasil é relativamente mais baixo do que países como Chile e Argentina. Para se ter uma ideia, nos anos 50, o nível de escolaridade da Coreia (do Sul) era mais baixo que o do Brasil. Hoje é muito mais alto. Ao longo do tempo, nós não cuidamos da educação como deveríamos ter cuidado.

Em uma época de crise e corte de despesas, o que uma empresa não deveria cortar?

Cada caso é um caso. Mas de uma forma geral, especialmen-

te nas empresas com mão de obra qualificada, a última coisa que ela quer fazer é demitir. O custo de readmissão é muito alto e muitas vezes (a empresa) perde esses empregados.

Em Santos ainda temos muitas empresas familiares. Na sua opinião, quais os pontos positivos e negativos nesse tipo de gestão?

As empresas no Brasil, principalmente as pequenas e médias, são basicamente familiares. E o País tem uma tradição de grandes empresas com famílias como maiores acionistas. Diferente dos Estados Unidos, onde a propriedade é muito pulverizada. A questão é qual a forma mais eficiente de gestão, e aí não há solução pronta. Tem famílias em que os herdeiros têm afinidade com a atividade, foram treinados, fizeram MBA e podem administrar a empresa. Em outros casos, os herdeiros não têm o menor interesse e competência, sendo necessário achar outra solução.

“A economia brasileira gera R\$ 5,5 trilhões. Alguns quebram, mas outros acham oportunidades”